



CENTRO CULTURAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Figueiró-dos-Vinhos é pov. antiqüíssima, muito anterior, segundo parece, ao estabelecimento da monarquia. Não se sabe quando foi tomada pela primeira vez, pelos cristãos. Mas D. Afonso Henriques mandou-a repovoar em 1147, e nos últimos anos do seu reinado, durante as terríveis invasões dos mouros, em 1180, foi por estes novamente ocupada e reduzida a ruínas. Tomada anos depois, por D. Sancho I, levantou este sobre as suas ruínas uma pequena aldeia. Aquêlê monarca, terminadas as guerras de perseguição aos mouros, mandou também colonizar e repovoar a povoação, em 1189, concedendo-lhe o seu foral de vila, que já em Maio de 1174 lhe tinha sido dado por D. Pedro Afonso,

filho natural do primeiro monarca português. Este foral foi confirmado em Santarém por D. Afonso II, em data incerta. D. Manuel concedeu-lhe foral novo, dado em Lisboa a 16-IV-1514. Pitoresca, interessante, situada topograficamente em excelente posição, foi elevada a sede de julgado em 1835, e a sede de comarca em 1840. Em 1875 foi suprimida a sua comarca e criada a de Ancião e Pedrógão-Grande. Vinte anos depois, em 1895, foi novamente elevada a sede de comarca. A vila, apesar de ser pequena, tem alguns edifícios públicos dignos de serem visitados, e destes o principal é a igreja matriz, classificada como mon. nac.

DE agradável estilo renascença, com 'a sua Torre ponteguda e os muitos valiosos painéis de azulejos do século XVIII é considerada Monumento Nacional. É um Templo muito vasto e grandioso, mandado construir pelos religiosos de Santa Cruz de Coimbra, que apresentaram na freguesia párocos, com honras de priores. A igreja tem um belo portal do renascimento de características espanholas, sobre a qual num nicho, está uma imagem moderna de São João Baptista, esculpida por Simões de Almeida (Tio). O interior é de três naves de cinco tramos, sustentados por colunas de granito. Junto da entrada à esquerda, está o Túmulo de Rui Vasques Ribeiro, 2.º Senhor de Figueiró e de sua mulher Dona Violante de Sousa. O Túmulo de pedra lavrada, assenta sobre leões e tem uma inscrição em letra gótica da segunda metade do século XV.

No interior da igreja, existem seis altares, onde se destaca o Altar Mor, que possui finíssima talha dourada em estilo D. João V e que serve para enquadrar um magnífico quadro do pintor Malhoa, com as grandiosas dimensões de quatro metros e setenta centímetros de alto, por dois metros e setenta centímetros de largura.

A tela representa o baptismo de Cristo. Num outro altar está a imagem do Senhor Jesus da Agonia, um Cristo precioso que Simões de Almeida esculpiu e mestre Malhoa encarnou, Cristo que está reproduzido na Capela de Alexandre Herculano, no Mosteiro dos Jerónimos, em Belém.

Neste mesmo altar, servindo de fundo à escultura sagrada, está um retábulo de Malhoa, de tons sombrios reproduzindo uma cena do Calvário, vendo-se ao longe em último plano, as cruces dos que o acompanharam no suplício. Na igreja matriz, pode ainda ser admirada uma imagem gótica, que representa a «Santíssima Trindade» e que é uma muita preciosa relíquia do século XII.

Também existem dentro da igreja sumptuosos painéis de azulejos que datam do século XVIII (1716) e que representam cenas bíblicas.

Existe um riquíssimo cofre de prata cinzelado, bastante gracioso e finamente trabalhado por artífices indianos do século XVIII. No templo há um órgão junto ao coro, que data de 1689. Na igreja podemos ainda admirar uma pia de água benta, que foi totalmente cinzelada por canteiros locais.

CONVENTO DOS CARMELITAS.

antigo Mosteiro fundado em 1601 por Frei António de Évora, com o auxílio de D. Pedro de Alcáçova e Vasconcelos, serve agora de Hospital. O antigo edificio e igreja da Misericórdia desapareceram, assim como outro Mosteiro de freiras franciscanas. A igreja do extinto convento não está, por ora, ao culto.

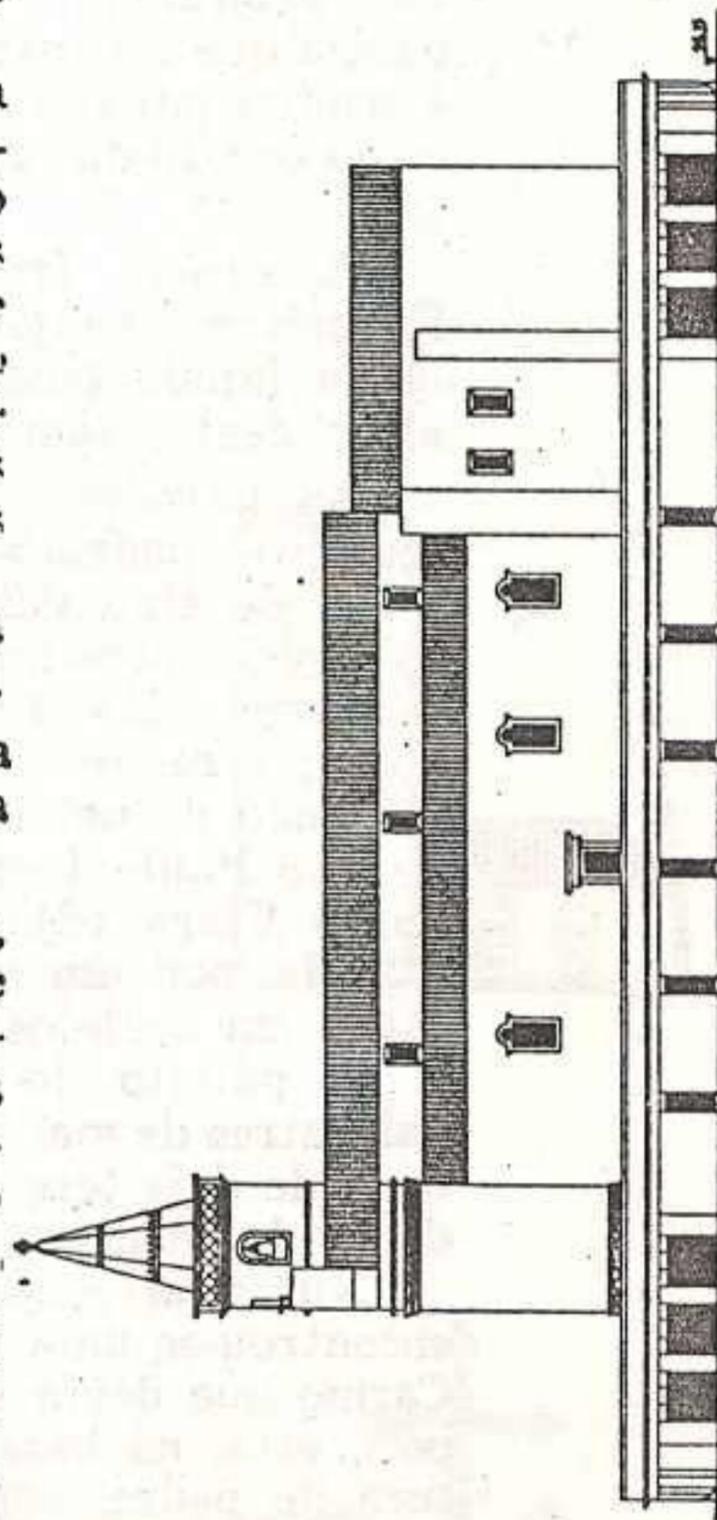
Tem uma fachada curiosa, para a estrada de Sernache, pelo desencontro dos paramentos. A frontaria do templo dá sobre um pátio e forma-se de uma empena vulgar, com três arcos de galilé interior, do tipo comum. Sobre o arco central há um nicho, barroco, datado na base (1611), e sobre ele um janelão de coro. Remata a frontaria um frontão simples sobrepujado de cruz e com dois fogareiros nos acrotérios.

O claustro que se encosta à igreja está destroçado. Corta-o um muro em diagonal.

Num dos lanços vê-se, na parede, uma pia de água benta, do final do séc. XVI, gomeada e lavrada.

O templo de abóbadas calcadas, de aresta, tem o transepto cupulado. Nas trompas de ângulos há trabalhos de ornato em «sgraffitos», cada um sobre fundo de sua cor. Dois grandes quadros de pintura a óleo sobre tábuas, sem maior mérito, ficam aos topos do transepto.

Tem um altar-mor e dois colaterais, de boa talha do séc. XVIII. O altar-mor tem quatro nichos e no central está uma maquieta com a imagem de Nossa Senhora do Carmo. Os outros abrigam imagens de outros santos carmelitas, esculturas de madeira setecentistas. O conjunto oferece um belo aspecto. No pavimento do transepto, defronte do altar-mor, há quatro lajes sepulcrais, com inscrições que dizem estar ali sepultados D. Pedro de Alcáçova, senhor de Figueiró e Pedrógão, sua mulher D. Maria de Vasconcelos, a filha destes, D. Ana de Vasconcelos e Meneses, e o marido desta D. Francisco de Vasconcelos, Conde de Figueiró.



O arco cruzeiro é rematado ao alto pelo brasão policromado dos Condes de Figueiró, que é um escudo partido, tendo no primeiro as armas dos Vasconcelos, e, no segundo, cortado, uma torre no quartel de cima e no de baixo as armas dos Sosas do Prado.

No corpo do templo, do lado do Evangelho, há uma capela com altar de talha do séc. XVII, tendo no retábulo as imagens da Virgem, São Joaquim, S. José e Senhora Sant'Ana, capela que foi instituída, em 1630, por Miguel Curado e por sua mulher Isabel de Figueiredo, como consta da lápide aposta do lado da Epístola.

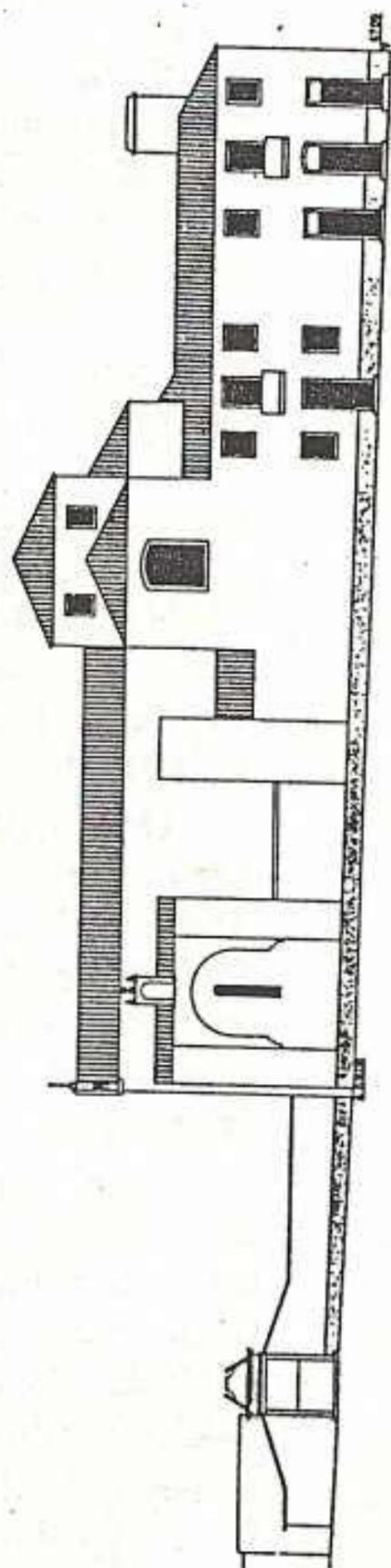
A capela fronteira, foi instituída por Francisca Evangelha, em 1669, conforme se lê na lápide posta na espessura do arco. O altar desta, sem imagens, está abandonado.

As paredes laterais estão revestidas de azulejos «padrão» do séc. XVII, azuis e amarelos, de tipo vulgar, mas a parte superior do revestimento, na meia laranja de encontro com a abóbada, é de azulejos de ornato do tipo renascentista, de máscaras e fitas, cercando de um lado a imagem pintada nela de São Paulo (com a espada ondulada) e de Santa Clara (?) a ser ferida por uma seta atirada por um Anjo. O padrão é encaixilhada em azulejos de tipo «renda».

O púlpito do templo é de escada com balaústres de madeira entalhada. O coro ocupa mais de dois terços da nave, e tem uma gradaria de madeira, delicada.

Numa arrecadação das obras em curso, encontrou-se uma imagem de Santa Maria do Carmo que devia ser a do nicho da fachada, pois, está, na base, datada de 1611. É escultura de pedra, seiscentista, de certa finura, tendo a Virgem o escapulário lavrado. Altura 0^m,690. Não tem pintura.

Na mesma arrecadação, foi encontrado um quadro de pintura a óleo sobre tela, representando São João da Cruz, assinado em baixo, à esquerda, JOSEPHIA EM ÓBIDOS, e a data 1673. Mede de alto 1^m,515 e de largo 1^m,295. É frouxa pintura, com as incorrecções de desenho habituais desta artista. A moldura é a primitiva, negra com ornatos doirados. Da



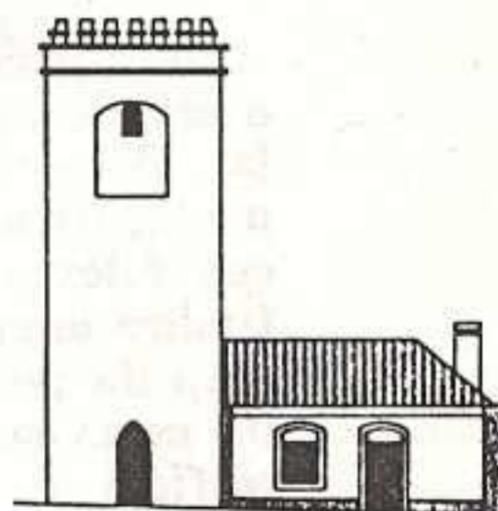
boca do São João da Cruz sai (escrita ao invés) a legenda DOMINE POTI & CONTEMUIT PROTE, e da boca da imagem do Senhor dos Passos, perante cujo altar ele ajoelha, esta: JOANNES QUID PROLABORIBVS.

No templo carmelita há ainda duas pias de água benta quinhentistas, embebidas na parede.

TORRE DA CADEIA —

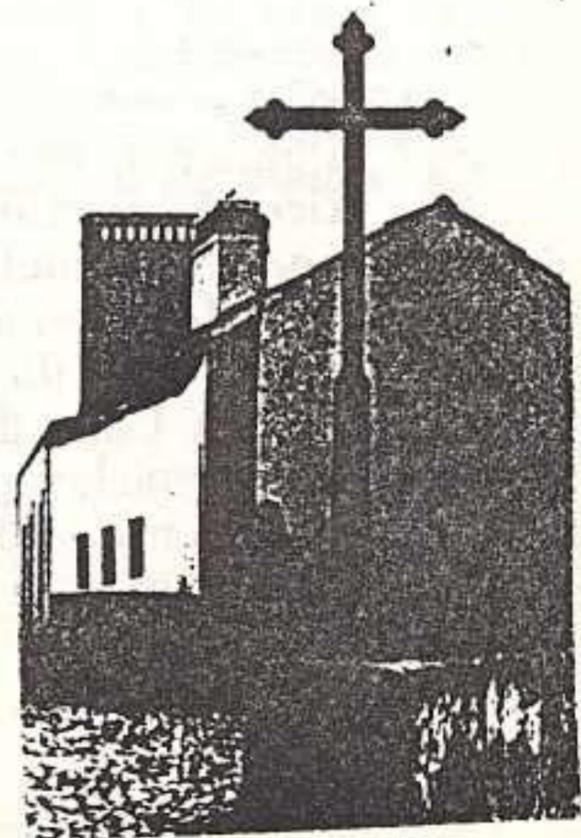
É uma torre de pedraria, coroada de merlões chanfrados, com uma porta de volta redonda, sobre a qual está numa tabela, uma inscrição em letras góticas rudes, que diz: *«Na era de 1506 annos se fez esta obra sendo juizes Bento de Aguiar e Gracia Rodrigues e Vereadores Gonçalo Moniz e Afonso Estevães, e procurador Gonçalo Rodrigues, valendo o pão e vinho a setenta reis».*

Esta inscrição foi lida pelo Dr. Manuel Baptista de Lima, Conservador da Biblioteca Pública de Évora.



CRUZ DE FERRO —

Está num ponto alto da vila. É feita de chapa de ferro, com as insígnias da Paixão em relevo. Está datada de 1816.



ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO —

Fica na vila. Tem uma fachada vulgar com um arco de sineira. No altar-mor vê-se a imagem do Orago, e nas duas colaterais de canto, a de São Brás (altura 0^m,660) e a de São Roque (altura 0^m,750). São esculturas de pedra do séc. XVI, mal pintadas, mas com certo interesse. O púlpito e o coro são vulgares.

) CASA NOBRE, NA PRAÇA JOSÉ MALHÔA —

-Solar provinciano, brasonado, com o escudo apostro na fachada entre duas janelas. O brasão tem no campo, uma cruz espalmada, firmada no escudo, e nos vãos dos braços relevos que não se entendem. Tem por timbre uma mão com uma espada, e na espessura da pedra de armas, está escrito CAPITÃO DA INDIA MANOEL GODINHO DE SÁ. O portal do edificio é de tímpano triangular, de tipo nobre.

CASAS MANUELINAS —

Na rua da Palmeira, numa casa a que pertence um pórtico de cantaria do séc. XVIII, vêem-se duas portas manuelinas de verga recortada, e outro vão do mesmo período e estilo. encontra-se numa casa da Praça do Brasil.

Na Casa do Celeiro, que fica na Estrada de Sernache, perto do Convento das Carmelitas vêem-se janelas de cantaria boleada, seiscentistas.

Simões d'Almeida (Tio)

Figueiró foi a terra que lhe serviu de berço, tendo nascido allí no ano de 1844.

Vindo para Lisboa cursou na Academia de Belas Artes, revelando-se desde logo, no aluno, como seria mais tarde — um grande mestre.

Aos 21 anos, terminado o curso com excepcional classificação, obteve uma bolsa de estudo do governo português e foi aperfeiçoar-se para a Itália.

Depois, surge em Paris, discípulo de Monteverde, e com a sua admirável escultura «Puberdade», feita em mármore, obteve um prémio na Exposição Internacional da *Cidade-Luz*, de 1878.

Em 1890 na Exposição do Rio de Janeiro, obtem novo prémio com o gesso «Sapho».

Desde então, a sua carreira foi sempre verdadeiramente triunfal.

Das suas obras mais notáveis recordam-nos «O Saltimbanco»; «A Sau-

dade»; «Inez de Castro»; «D. Sebastião lendo os Luziadas»; «Agricultura»; «Camões»; «Infante D. Henrique»; «Visco da Gama»; «Pedro Alvares Cabral»; «Superstição»; etc., etc.

Simões d'Almeida (Tio) não esqueceu nunca que era de Figueiró dos Vinhos. E legou-lhe, entre outras, duas obras preciosas — «Cristo Crucificado» que se admira na igreja matriz da vila e que foi encarnado por outro grande mestre — Malhóa — admirando-se também a sua reprodução na capela de Alexandre Herculano, nos Jerónimos; «Camões» — que ofereceu ao Club da sua terra e allí se encontra hoje, na sala de leitura.

Em 13 de Dezembro de 1926 findava-se Simões d'Almeida (Tio) dócemente, na sua casinha da vila de Amadora, com 82 anos.

Simões d'Almeida (Sobrinho)

Em 1880 via a luz do dia, pela primeira vez, em Figueiró dos Vinhos, aquêle que é hoje o consagrado escultor José Simões d'Almeida ou, com mais propriedade dentro do mundo das artes, Simões d'Almeida (Sobrinho).

Pertence aquella família de verdadeiros genios creadores de arte e de beleza que já dera o outro Simões d'Almeida, seu tio, e mestre, e inspirador.

Em 1903 tinha concluido o curso na nossa Escola de Belas Artes e pouco depois, dorante três anos — que o mestre escultor recorda hoje com saudade infinita — vivcu na esturdia alegre e buliçosa, esturdia creadora de maravilhas, no entanto, do Bairro Latino, em Paris.

Poucos artistas portugueses terão produzido tantas e tão admiráveis obras como Simões d'Almeida (Sobrinho).

Nasceu dêsse cinzel prodigioso o frontão do Parlamento; dêle surgiram todas as effigies da moeda cunhada após a implantação do novo regime até agora; e os bustos de José de Castro e de Miguel Bombarda; é sua, finalmente, de cooperação com Francisco Santos, a formidável estátua de «Pombal» que coroa o monumento ao cimo da Avenida da Liberdade.

E' de Simões d'Almeida o busto official da República Portuguesa, cujas reproduções se contam, por milhares, distribuidas em todo o país. Esse busto tem uma magestade serena e forte.

MALHÔA

Malhõa viveu em Figueiró. Malhõa foi de Figueiró.

Interpretou a beleza da sua paisagem, a alma do seu povo.

Malhõa viu a figura animada e curiosa, e única, das «Padeiras», cheias de graça, duma graça sã, especial, naquela terra, junto dum forno dos arredores.

Ele, que criara a tela do «Fado» tela em que até a «rameira» tem grandeza e alma, na sua paixão misérrima — via a dôr purificante das «Promessas» numa romaria da região.

O «Viatico», que vai como supremo auxílio espiritual aos enfermos e agonisantes, foi surpreendido pelo mestre, na sua passagem.

Malhõa ajoelhou. A branca hostia que o sacerdote transportava, iluminou aquêlo cérebro previliado. A grandiosidade da cena e da paisagem embeveceu-o. E ôlo creou novo quadro pleno de beleza, sem igual.

Quem éra, quem foi Malhõa?



Auto-retrato de Mestre Malhõa

Sõbre Malhõa disse Humberto Plágio no seu livro apreciativo do Mestre e da sua obra:

A arte de Malhõa constitúe, efectivamente, uma gloriosa excepção, uma janela rasgada sôbre a castidade amorosa da terra. O realista do Barbeiro na Aldeia sabe riscar o cáos e extrair a luz, sabe ser humano, sabe ser crente. E ser humano, ser crente, em Arte, é oscultar o sonho, o éco longínquo, a expressão universal da vida; é transfundir a nossa alma nas realidades mortas: é ressuscitar denegridas virtualidades; é emprestar a policromia do verbo á aparente mudez das coisas; é deíficar o sol; é estreitar o homem num eloquente amplexo de fraternidade.

Nesta concepção integram-se naturalmente, a nostalgia mística e contemplativa dos «doentes de infinito» e a sociabilidade, a efectividade simpática, alácere e primaveril dos «insaciados de luz»: — um Silva Pôrto e um Malhõa.

Assim foi Malhõa que se finou no seu «Casulo», a que tanto queria, em 25 de Outubro de 1933.

Assim foi o Mestre que sobre — ser um pintor da terra portuguesa, um pintor do povo e da sua alma — foi, acima de tudo, um animador, um divinizador das belezas da paisagem de Figueiró dos Vinhos onde perdurará sempre a sua memória, envolta num preito de enterrecida saudade.